

Fecho os olhos e ainda vejo um ponto de luz, o passar das horas, o tempo implacável. Quando ele, naquele dia de céu laranja, desejou sua infinitude, o pai desenhou um relógio feito de tinta em seu pulso. Agora ele vai criar um espelho d'água ali onde a luz invade, onde aparece muita coisa, inclusive você se percebendo de outra forma. A finitude do dia atesta a passagem do tempo. Onze horas é nome de planta que gosta de sol, suas pétalas se abrem pela manhã e fecham ao cair da tarde. Ela vive em torno de doze meses, o tempo de findar um ciclo. Os mortos precisam de existência, como se pudéssemos cultivar uma lembrança mais atenta ao suplemento de suas biografias. A memória não tem fim, mas um modo de existir e transformar as coisas. A memória aquosa evapora, água vira vapor e vapor vira água. Cada momento é único, cada momento pode ser o fim do mundo, diz Derrida. O sol permeando as suas imagens desde sempre. Um ponto de luz como um sonho, um instante de singularidade do que nos olha e penetra a superfície da tela, chegando como um golpe. Se o dia tivesse onze horas talvez ele não acabasse; o ponteiro é decalcado: a ferida, a instauração de uma forma de existência.

Daniela Avellar

Onze horas. Daqui a pouco, este momento já pertencerá ao passado. As vozes e as sombras das silhuetas desenhadas na parede da cozinha serão apagadas, e a escuridão tomará conta da sala esvaziada. Onze horas, um momento fugitivo, o fim de um dia que ficará marcado na memória. Um desses dias tão bonitos que chega a doer, de tanta vontade de parar o tempo ali para sempre, logo antes da meia-noite, para que o dia nunca se torne amanhã.

As memórias são frágeis, flutuam no vai e vem da mente até se esfatarem como a fumaça de um cigarro ou a crista de uma onda. Até, às vezes, desaparecerem como uma imagem refletida em um espelho d'água, soprada pelo vento ou vedada por uma nuvem, até elas voltarem inesperadamente com o cheiro de um café, de um perfume.

Há, nas obras de Juan Casemiro, uma parcimônia de gestos, um minimalismo que parece procurar revelar as memórias carregadas pelos elementos que ele manipula e junta, evidenciando a simplicidade da matéria e as tensões que ela incorpora, sem impor narrativas, sublimando a história que se adivinha nas entrelinhas - com delicadeza, para não perturbar as imagens refletidas na superfície lisa das águas da memória. Assim, o artista captura a essência de momentos e lembranças, equilibrando fragmentos para compor interstícios de poesia. Pedacos de gesso evocam desencontros e corações partidos; marcas deixadas na madeira, na tela ou no metal por pregos, rasgos ou furos parecem gotas de chuva, lágrimas que escorrem nas bochechas ou ainda noites longas e céus estrelados. Simultaneamente, o uso de cores quentes propõe um contraponto alegre para lembrar que o sol sempre volta, brilhando na janela, evaporando as gotas de água, assim como a flor de onze horas que desabrocha todos os dias na luz do meio-dia, dissipando, com seu cheiro e sua cor viva, as últimas sombras da noite.

Além de cristalizar vivências, Juan Casemiro escreve no espaço as palavras que não podem ser ditas, falando da ausência abrupta e de trocas eternas, da solidão que se esconde no escuro e do afago dos sonhos; das ideias tristes no breu da madrugada e do sol que ilumina a cozinha e se desdobra no relógio do seu pai. Como cartas de amor silenciosas e fragmentos do diário de um luto, as obras pontuam o espaço e conversam com a luz que se alastra no espaço expositivo, tensionando o dia e a noite, a presença e a memória em um equilíbrio delicado ancorado no efêmero.

Assim, o artista revela, com a sua instalação "Levar meu pai para conhecer o mar", elementos essenciais das vivências que atravessam a sua pesquisa artística. Pois quando as palavras não bastam, só o gesto, o movimento criativo consegue expressar o que a mente queria poder elaborar para dar vazão a um coração partido. O ruído branco de telas de televisores talvez evoque, assim, o murmúrio de conversas que nunca foram interrompidas, enquanto a neve que crepita nas telas remete aos raios solares na superfície do mar em um final de tarde de verão, deixando possível novamente a promessa feita de uma viagem ao litoral. Operando no campo do sutil, Casemiro parece transmutar a ausência e o vazio, empurrando o medo de ver imagens do passado desaparecer para deixar espaço às ondas do afeto, juntando fragmentos de histórias e os pedacos de narrativas interrompidas como uma coluna vertebral horizontal, suspensa no espaço. Emoções varrem como a maré, impossíveis a traduzir, pedindo passagem para o corpo, moradia no peito e no espaço, se equilibrando no conjunto de obras apresentadas. Uma música que toca no fundo diz, aliás, que temos dois corações. Um que bate e pulsa, e outro que mora debaixo do mar, no mundo dos sonhos, onde o real se conecta com o eterno e as agulhas do relógio param às onze horas.

Julie Dumont